

"O CLUBE DAS MULHERES DE NEGÓCIO"

Anna Muylaerte: dando a volta por cima da violência e da opressão com arte e maestria

Uma entrevista de **LUCIANA DOLABELLA**

Anna Muylaerte é uma das diretoras de cinema brasileiras mais premiadas e bem-sucedidas do Brasil. Com uma carreira única, prêmios e alcances nacionais e internacionais únicos, Muylaerte alcançou uma posição de destaque que pouquíssimas outras mulheres já conseguiram. Com o sucesso, porém, ela passou por momentos difíceis e diversas agressões vindas de homens poderosos do cinema e até mesmo da família ou círculo de amigos. Sua resposta à violência vem agora por meio da arte em que ela é mestre absoluta: o cinema. Com seu novo filme, Muylaerte confronta o patriarcado. A trama de ação, suspense e muito bom humor conta ainda com inteligência, coragem, determinação e delicadeza. Por meio dela, Muylaerte se levanta e enfrenta o machismo de frente, afinal, não podemos aceitar a normalização da violência contra a mulher. Mas à que violência ela se refere?

Querida Anna, conte-nos um pouco de seu novo filme "O Clube das Mulheres de Negócio".

É um roteiro que comecei em 2016. Trata-se de um filme de inversão, onde os homens são mulheres e as mulheres são homens, de modo a falarmos com ele sobre a estrutura de poder na sociedade. Na primeira versão, de 2016, trazia situações cotidianas de opressão, as pequenas humilhações do dia a dia. Mas na pandemia a coisa mudou. Quando eu vi o que estava acontecendo aqui no Brasil, ao mesmo tempo em que a Angela Merkel e a Jacinda Ardern tomavam atitudes super responsáveis em seus países, pensei: "Não são só as pequenas humilhações. O patriarcado está ainda pior." Foi aí que mudei o tom do filme e fui mais a fundo.

Você já participou da Berlinale quatro vezes e ganhou diversos prêmios por lá. Como você resume suas experiências no festival?

Adoro Berlim e o festival. Da primeira vez fui como roteirista do filme "O ano em que meus pais saíram de férias" na competição principal com todos os tapetes vermelhos. Depois, a experiência com o "Que horas ela volta?" foi muito impressionante porque o filme fez muito sucesso, as salas de cinema foram ficando cada vez mais lotadas, os debates eram quentes e a gente ganhou o Audience Award. No ano seguinte do "Que horas ela volta?" eu retornei à Berlinale com uma nova obra – "Mãe é uma só" – que também foi premiada.

E como foi a experiência na Berlinale digital de 2021?

Foi muito positiva! As pessoas na Europa conhecem meu trabalho e gostaram da proposta do filme, então tivemos mais de 70 pedidos de reunião! Não conseguimos fazer as 70, mas fizemos 40.

28 TÓPICOS 2 - 2021

KULTUR
Cultura

Gewalt und Unterdrückung mit Kunst und Können überwinden

Interview mit der brasilianischen Regisseurin Anna Muylaerte

Material Complementar
Este conteúdo está integrado em português sob
www.topicos.de



Die Fragen stellt **LUCIANA DOLABELLA**

Anna Muylaerte ist eine der erfolgreichsten brasilianischen Regisseurinnen, die mit einer einzigartigen Karriere, mit nationalen und internationalen Auszeichnungen sich eine herausragende Position in der Filmwelt erlangt hat. Ihre Erfolge beschränken ihr allerdings auch Probleme: Angriffe von mächtigen Männern aus dem Filmbusiness, aus der Familie und sogar von Freunden. Ihre Antwort auf diese Art von Gewalt gibt sie nun durch die Kunst, in der sie eine absolute Meisterin ist: das Kino. In ihrem neuen Film "O Clube das Mulheres de Negócio" konfrontiert sie das Patriarchat mit Intelligenz, Mut, Entschlossenheit und Sensibilität in einem Film voller Action, Spannung und sehr guter Laune. Sie hat ihre Stimme erhoben und beschissen, dem Machismo frontal entgegen zu treten: Wir können nicht akzeptieren, dass die Gewalt gegen Frauen zur Normalität wird. Aber welche Gewalt meint sie?

TÓPICOS: Liebe Anna, wermal warst Du mit Filmen auf der BERLINALE vertreten und hast zahlreiche Preise bekommen. "Que horas ela volta?" (Der Sommer mit Maria) wurde in mehr als 30 Länder verkauft und allein in Deutschland von 90.000 Zuschauern gesehen. Wie beurteilst Du das Festival?

Ich liebe Berlin und das Festival. Die Erfahrung mit "Que horas ela volta?" war beeindruckend, der Film war ein großer Erfolg, die Kritiken wurden immer voller, die Debatten waren sehr angeregend und wir gewannen den Publikumspreis. Im Jahr darauf stellte ich dort meinen neuen Film "Mãe é uma só" vor, der ebenfalls ausgezeichnet wurde. Dieser Film ist etwas anders, da es um die Frauenfrage geht: Wir brauchen Filme, die nachdrücklich den Feminismus zum Thema machen, der sich 2015 ein anderes Gesicht bekommen hat.

Du beziehst Dich auf die "Me Too"-Bewegung? Ja, auch darauf, aber es geht nicht nur um sexuelle Übergriffe. Die Feministinnen in Hollywood begannen auch einen politischeren Diskurs, die Frauen im Filmbusiness werten sich endlich gegen einige der damals üblichen Praktiken. Ein Beispiel: Mein Film "Que horas ela volta?" war die brasilianische Nominierung für den Oscar, schaffte es aber nicht in die Endauwahl. Meine amerikanische PR-Agentin meinte: Ich würde es Dir vorher nicht sagen, aber eine Hauptdarstellerin im mittleren Alter schafft es nicht zum Oscar." Ich war schockiert, was konnte das sein? Wer damals darüber entschied, waren eben weiße Männer und sie antworteten nach ihrem Geschmack... 2016 hat die Academy of Motion Picture neue Mitglieder in ihr Oscar-Gremium ernannt: Frauen, Schwarze und Ausländer und ich war eine der ausgewählten ausländischen Regisseurinnen.

Was für Erfahrungen macht man als Regisseurin eines erfolgreichen Filmes in Brasilien?

Zu dem Publikum war die Beziehung immer unglücklich gut, ich wurde mit positiven Botschaften überschüttet. Die Reaktion der Kritik war auch sehr positiv. Aber mit dem Erfolg erlebte ich sexuelle Angriffe in meinem persönlichen Umfeld, sowohl aus der Filmbranche als auch aus dem Familien- und Freundeskreis: von Männern, die mit einer Frau in einer so exponierten Situation nicht umgehen konnten, ich wurde von meinen eigenen Kollegen boykottiert, von meinem Freund ganz zu schweigen. Es war eine sehr schwere Zeit...

Wie hast Du Deine Karriere im Filmgeschäft begonnen und wo befindest Du Dich heute?

In den 20 Jahren meiner Filmkarriere ging es mir nicht um den Erfolg, sondern um das Lernen, ich habe also für sehr viele Leute und die meisten Fernsehkanäle gearbeitet, habe für fast alle Drehbücher geschrieben (nicht, wie auf vielen Festivals. Nach den vielen Jahren im Geschäft war ich bereit, einen neuen Film zu drehen, der dem auch Erfolg hatte. Für mich war das vollkommen normal. Allerdings habe ich mich mit der Reaktion meiner männlichen Kollegen auf meinen Erfolg nicht gerechnet, ich hatte nicht solche Mut erwartet... Ich habe einen ersten break durch... in dem aber wieder hochgehoben und habe den Schnitt des Dokumentarfilms "Akarada" über das Impaktieren von Präzisions-Oliva übernommen. Als ich den Film montierte, erkannte ich dort die gleiche Gewalt gegen diese Frau. In meinem

© 2021 by Topicos

"Que horas ela volta?" ganhou o prêmio de público na Berlinale, recebeu dezenas de prêmios pelos festivais do mundo, foi lançado em mais de 30 países e na Alemanha vendeu mais de 90.000 ingressos. Como foi o interesse alemão por seu próximo filme?

Conversamos com várias produtoras alemãs bastante interessadas. Acho que esse filme tem o atrativo da questão das mulheres: a gente está precisando de um filme que fale de uma maneira forte da questão do feminismo que, de 2015 para cá, tomou uma nova cara.

Você se refere ao movimento "me too"?

Sim, ao "Me Too" também. Mas não só com relação às questões de abuso. As feministas de Hollywood também começaram a fazer discursos mais políticos. As mulheres do film business começaram a se revoltar contra algumas práticas antigas. Um exemplo: Meu filme "Que horas ela volta?" foi a indicação brasileira ao Oscar mas não entrou na seleção final. Minha PR americana me disse na época: "Olha, eu não queria falar isso antes, mas atriz principal de meia idade não

entra no Oscar.” Eu fiquei em choque. Como assim? Mas quem votava na época eram homens brancos de acordo com gosto deles. Justamente então começou a haver uma pressão para mudanças em Hollywood. Em 2016, a Academia convidou alguns novos membros para votar no colegiado: mulheres, pretos e estrangeiros. Eu fui uma das mulheres diretoras estrangeiras convidadas nessa mudança.

Como foi sua experiência como diretora de um filme de arte bem-sucedido no Brasil?

Com o público foi sempre incrível. Recebi uma chuva de mensagens positivas. Da crítica, a reação também foi muito positiva. Mas com o sucesso sofri ataques machistas nas relações pessoais. Tanto do próprio *business* do cinema quanto da família e amigos, isto é, de homens que não conseguiam lidar com uma mulher em uma posição de tanto destaque. Sofri boicotes de meus próprios parceiros no cinema. Meu namorado, nem se diga: ele enlouqueceu. Amigos e familiares se aproximavam com segundas intenções. Foi um período bem difícil.

Ainda é difícil aceitar uma mulher com grande destaque na sociedade?

Sim, para os homens principalmente. Ninguém nasceu com essa consciência e muitos não percebem. Mas, na cabeça das pessoas, a mulher é uma “excelente assistente”. A mulher é um ex-

celente “terceiro lugar”. Mas se ela está na frente de todos – nem os homens nem mesmo as mulheres conseguem lidar com essa situação. O machismo começa com pequenas desvalorizações e opressões. Com diminuição, com o fato de não te olharem ou te perceberem quando você está presente. É assim: você vai a uma reunião sobre teu filme e os homens ali na reunião fingem que você não existe. Isso no mundo do cinema acontece o tempo inteiro. A postura comigo diante do sucesso era: “Fazer um filme, você até fez, mas o sucesso de teu filme é só por causa de nosso trabalho como distribuidor, produtor, agente de vendas.” Todo mundo é dono do sucesso de teu filme, menos você, que fez o filme.

Como foi para você começar e estabelecer sua carreira no cinema? E como está hoje?

Olhe, minha carreira é longa e, em seus 30 anos, meu objetivo não era o sucesso, e sim o aprendizado. Eram os filmes. Então eu cooperei com muita gente, escrevi roteiros para quase todo mundo (risos), trabalhei em quase todos os canais de TV, fui em todos os festivais, tive várias experiências diferentes. De repente, depois de tantos anos profissionais, eu estava pronta para fazer um filme maduro. E ele fez sucesso. Para mim foi algo natural. Mas eu não esperava a reação que os pares masculinos tiveram com meu êxito. Eu não esperava que eles fossem ficar com tanta raiva. Eu apanhei tanto de todos os lados que fiquei de cama. Tive um *break down* real. Foi muita violência psicológica. Saí da cama



e fui montar o documentário “Alvorada”, sobre o impeachment da Dilma. Quando comecei a trabalhar nesse filme revi ali a mesma violência contra a mulher. Percebi que, comigo, não era pessoal. Não era contra mim, mas sim estrutural e subconsciente. A sociedade parte do princípio de que onde está o homem está o poder e onde está a mulher está a assistência. Ela está sempre em segundo plano, em segundo lugar, e precisa se conformar com seu canto. Mas eu alcancei um nível de sucesso e destaque que a sociedade não desenha para uma mulher e, portanto, os homens se revoltaram. É um jogo de poder muito antigo. Eu não tinha essa consciência tão clara antes de fazer sucesso. Eu não pensava que era uma questão de gênero.

Em se falando em gênero, seus principais personagens femininos não são nem objeto de fantasia masculina nem são mulheres masculinizadas, que saem atirando e brigando como homens. Por quê?

Eu só fui estudar a mulher personagem mais profundamente depois dessas agressões que eu sofri. Vi que, em cerca de 95% dos filmes premiados no Oscar como “Melhor Filme”, os protagonistas são homens. A mulher não só não pode dirigir como também não pode ser a personagem principal de um grande filme. Ela é sempre o segundo lugar, até na ficção. Daí fui olhar para meus diretores preferidos. Kubrick, um ídolo para mim: todos os seus protagonistas são homens. Fellini, que adoro! Ele até tem grandes personagens femininos, mas todos os seus protagonistas são homens. Com os demais grandes diretores de minha lista era assim também. Foi então que vi que meu condicionamento como cineasta é feito a partir da visão masculina do mundo. Antes eu já evitava ter clichês depreciativos de mulheres em meus filmes, mas hoje eu percebo que, quando você coloca um personagem feminino em um roteiro, tem que tomar muito cuidado com o trajeto que você vai dar a essa personagem. Hoje eu entendo que cada ação da personagem feminina é importante para muita gente no mundo.

Os governos anteriores no Brasil investiram muito no cinema e em políticas afirmativas para novos grupos no cinema. Como está a situação agora?

O governo atual parou a CINEMATECA, que é o maior arquivo do cinema brasileiro, e tentou parar a ANCINE, que é o coração do cinema brasileiro. Ele só não conseguiu fechar a ANCINE porque ela está vinculada a uma lei. Mas está tão lenta que nada funciona. Quem não tinha o filme financiado antes desse governo, não consegue financiar mais nada. Só funcionam os streamings. Não existe mais nada para ninguém. O cinema independente não existe mais.

E o que você quer mover nas pessoas com “O Clube das Mulheres de Negócios”?

Olhe, nesse filme, quem está sendo oprimido são os homens. Quando você vê a opressão sobre um homem você a percebe muito mais do que a opressão sobre uma mulher. Porque a opressão da mulher é tão normalizada que você não a enxerga mais, não a ouve ou não se importa e se conforma. Mas a mesma opressão no homem incomoda. Há de se dizer, claro, que esse é também um filme divertido, cheio de ação e suspense, de coisas bacanas, de monstros. Acho que será meu filme mais pop. Estou feliz de fazer uma coisa diferente. Mas eu gostaria que as pessoas se sentissem penalizadas pela opressão no filme. Por tudo o que a gente tem que passar, que é banalizado e normalizado. Um homem quando faz sucesso é bem tratado por todos os lados. Mas eu, como mulher e com meu sucesso, apanhei de todos os lados. A verdade é essa: quando a gente vê mulher apanhando a gente não fica chocada. Em meu filme a ideia é chocar, já que os corpos que vão apanhar são de homens. O objetivo é que as pessoas percebam o quanto elas não veem mais a violência do machismo. As mulheres trabalham muito enquanto normalmente apenas homens ganham os prêmios, a fama e o dinheiro. Espero que esse filme possa, além de divertir, trazer mais reflexão e entendimento sobre a violência e mover as pessoas a terem mais respeito e solidariedade.

